



# FITOSSOCIOLOGIA DO ESTRATO HERBÁCEO ENTRE MOITAS DA FORMAÇÃO ARBUSTIVA ABERTA DE ERICACEAE DO PARQUE NACIONAL DA RESTINGA DE JURUBATIBA-RJ

M.A.P.M. Rocha<sup>1</sup>; Colodete; M. F.<sup>2</sup>; Freitas; L.M.<sup>3</sup>; Umbelino; L.F.<sup>4</sup> e D.S.D. Araujo<sup>5</sup>.

<sup>1</sup>Estudante de graduação da Universidade Federal do Rio de Janeiro; <sup>2</sup>Estudante do programa de Pós-Graduação em Botânica da Universidade Federal do Rio de Janeiro/Museu Nacional; <sup>3</sup> <sup>4</sup> Estudantes do programa de Pós-Graduação em Ecologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro; <sup>5</sup> Professora adjunta do Departamento de Ecologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

## INTRODUÇÃO

A formação arbustiva aberta de Ericaceae se desenvolve em depressões nas planícies arenosas ou como transição entre o brejo herbáceo e outras comunidades [1], formando ilhas de vegetação de tamanhos diversos e formatos irregulares que se separam uma das outras por uma matriz herbácea densa [1]. Devido as suas condições edáficas, além da distância do mar e maior proteção contra ventos, a formação de Ericaceae é uma ambiente mais propício ao desenvolvimento de uma vegetação mais exuberante que a formação aberta de *Clusia* [2]. A vegetação entre moitas é caracterizada por um estrato herbáceo dominado por espécies de gramíneas e ciperáceas [1], e possui um valor ecológico pouco conhecido [3], sendo possível indicadora de variação ambiental devido ao seu pequeno porte, ao ciclo de vida curto e ao sistema radicular superficial [4]. A formação de Ericaceae tem sido pouco estudada quanto ao aspecto estrutural [1; 5], tanto no estrato lenhoso quanto no herbáceo entre moitas [1;5].

## OBJETIVO

O objetivo deste trabalho é analisar a estrutura do estrato herbáceo entre moitas da formação arbustiva aberta de Ericaceae do Parque Nacional da Restinga de Jurubatiba, município de Carapebus, Norte Fluminense (PNRJ).

## MATERIAL E MÉTODOS

O estudo foi realizado na formação arbustiva aberta de Ericaceae, no PNRJ (22° - 22° 23' S; 41° 15' - 41° 45' W) situada a 1,5 km da margem esquerda da Lagoa Comprida, em uma área de 79 ha. A área é caracterizada por faixas de vegetação diferenciada paralelas à linha da praia [5]. Essas faixas se intercalam ao longo da área de estudo, sendo aqui denominadas de “faixa seca” e “faixa periodicamente alagada”. Na “faixa seca” o lençol freático não aflora, tendo o solo arenoso e seco; ao

contrário, na “faixa periodicamente alagada” o lençol freático aflora no período chuvoso. Para análise quantitativa foi utilizado o método de parcelas [6]. Foram amostradas duas parcelas de 1m<sup>2</sup> em 93 pontos, totalizando 186m<sup>2</sup>, sendo registrados como do estrato herbáceo indivíduos com altura igual ou inferior a 50 cm (salvo trepadeiras, epífitas e plântulas). Para as análises as parcelas foram agrupadas de acordo com a região seca (as faixas secas) e a região alagada (as faixas periodicamente alagadas). Os parâmetros fitossociológicos analisados foram frequência e dominância relativas e absolutas além do Valor de Importância (VI) [7]. O Índice de Shannon (H') (baseado na cobertura) e a Equabilidade de Pielou (E) foram analisados para a área total e para as regiões [8]. Foi feito o teste de Hutchenson para comparação dos Índices de Shannon das regiões.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram amostradas 52 morfoespécies (37 identificadas) pertencentes a 27 famílias. As famílias com maior riqueza foram Melastomataceae (3), Eriocaulaceae (3), Bromeliaceae (3) e Cyperaceae (3). O Índice de diversidade e Equabilidade para a área total foram de 2,73 (nats/m<sup>2</sup>) e 0,69, respectivamente. *Blechnun serrulatum* possui os maiores valores de VI, frequência (13,8%) e cobertura (21,8%). *Marcetia taxifolia* apresenta cobertura relativamente alta (9,3%). *Abildgaardia scirpoides* não possui cobertura alta (8,5%), porém apresenta-se com alta frequência e VI, maior que da *Marcetia taxifolia*. Na região alagada foram amostradas 28 morfoespécies, sendo que 6 somam 75% do VI total. As espécies com maior VI são: *Blechnun serrulatum* (64,0%), *Paspalum maritimum* (22,6%), *Leiothrix hirsuta* (20,1%) e *Lagenocarpus rigidus* (20,0%). O Índice de diversidade foi de 2,10 (nats/m<sup>2</sup>) e a Equabilidade 0,63. Na região seca foram amostradas 44 espécies, sendo que 15 somam 75% do VI total. As quatro espécies com maior VI são: *Allagoptera arenaria* (28,4%), *Marcetia taxifolia* (27,7%), *Abildgaardia scirpoides* (24,7%) e *Cuphea*

*flava* (13,1%). Em contrapartida, *Allagoptera arenaria* e *Marcetia taxifolia*, possuem valores de frequência (7,9%) menores do que *Abildgaardia scirpoides* (11,3%) e *Cuphea flava* (10,5%), porém valores mais elevados de cobertura. O Índice de diversidade e Equabilidade foram de 2,74(nats/m<sup>2</sup>) e 0,72, respectivamente. Existe uma diferença significativa entre as duas regiões (t=-2,65; p=0,01).

## CONCLUSÃO

Existe diferença entre as regiões da formação aberta de Ericaceae, sendo que a região alagada possui uma estrutura mais oligárquica que a seca. Além disso, a diversidade na região seca é maior do que a da alagada. A diversidade é menor na área alagada, pois essa área tende a ser mais homogênea que a área seca, possuindo um número menor de nichos, permitindo um número menor de espécies nessa região. Na área alagada, ocorre periodicamente afloramento do lençol freático, sendo assim, um número menor de espécies estão adaptadas a esse tipo de estresse hídrico, refletindo na região alagada uma estrutura mais oligárquica.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- [1] **Henriques, R.P.B; Araujo, D.S.D; Hay, J.D. 1986.** Descrição e classificação dos tipos de vegetação da restinga de Carapebus, Rio de Janeiro. Revista. Brasileira de Botânica. 9: 173-189. [2] **Montezuma, R.C.M. 1997.** Estrutura da vegetação de uma restinga de Ericaceae no município de Carapebus, RJ. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ecologia – UFRJ. 121p. [3] **Citadini-Zanette, V. & Baptista, L.R.M. 1989.** Vegetação herbácea terrícola de uma comunidade florestal em Limoeiro, município de Torres, Rio Grande do Sul, Brasil. Boletim do Instituto de Biociências da Universidade Federal do Rio Grande do Sul 45: 1-87. [4] **Citadini-Zanette, V. 1984.** Composição florística e fitossociologia da vegetação herbácea terrícola de uma mata de Torres, Rio grande do Sul, Brasil. Iheringia (32): 23-62. [5] **Pereira, O.J. & Araujo, D.S.D. 1995.** Estrutura da vegetação de entre moitas da formação aberta de Ericaceae no Parque Estadual de Setiba, ES. In: Esteves, F.A. (ed.). Oecologia Brasiliensis vol. 1: Estrutura, funcionamento e manejo de ecossistemas costeiros. Programa de Pós-Graduação em Ecologia – UFRJ. pp: 245-25 [6] **Müller-Dombois, D & Ellenberg, H. 1974.** Aims and methods of vegetation ecology. John Wiley & Sons, New York. [7] **Brower, J.E & Zar, J.H. 1984.** Field & laboratory methods for

general ecology. 2<sup>nd</sup> ed. W.C. Brown, Dubuque, Iowa. [8] **Magurran, A.E. 2004.** Ecological diversity and its measurement. Princeton University Press, New Jersey.